Ano XXII — Lisboa, Setembro de 1966 — N.º 257

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp e Imp.: Livraria Cruz — Braga

PROBLEMAS
DOS TEMPOS CORRENTES

O dia a dia dos tempos correntes oferece imagens que, há vinte anos atrás, eram insuspeitadas. Este fenómeno deve-se à pronunciada evolução da técnica, que vem dando origem a alterações nos diversos aspectos da vida moderna, mercê dos instrumentos e meios que tem posto ao nosso serviço. Todavia, também uma revolução de costumes, em especial no que concerne às camadas mais juvenis, está contribuindo decisivamente para esta metamorfose.

Compreendemos que há mutações irreversíveis, reflexos que são do caminhar da Humanidade, no legítimo anseio de progredir e realizar assim os seus velhos sonhos. Contudo, não desejamos considerar agora as transformações de carácter puramente material, como sejam as maravilhas da electricidade, da rádio e da energia nuclear, o aperfeiçoamento dos meios mecânicos que tornaram o mundo mais pequeno por mor do enorme progresso das comunicações, os gigantescos blocos de edificações que deram nova fisionomia às cidades. O que, porém, nos interessa focar, neste momento, é a ânsia de imitar indiscriminadamente o que se faz por esse mundo fora, aceitando-se aqui, na nossa terra, sem a menor hesitação, hábitos que nos são espúrios, só porque se sente a necessidade de adoptar o que é extravagante. Tal procedimento denuncia talvez um espírito de irreverência para com a estabilidade dos costumes, ou então um anseio de vedetismo, mas um vedetismo pobre e desacreditado, desprovido, como está, de qualquer esforço criador.

Estamos neste momento a lembrar-nos das chusmas de guedelhudos que há algum tempo começaram a grassar por toda a parte. Outra demonstração desse danoso espírito é o uso das chamadas mini-saias, moda que deixou verdadeiramente entontecidas as donzelas de certo tipo.

Estes dois hábitos, de recente aparecimento, não representam a regular aquisição de uma norma de vida, mas sim a adopção, carecente de critério e discernimento, de um uso que se sabe simplesmente ter aparecido lá fora. Trata-se, pois, de uma servil imitação de costumes que, além de estranhos, nos são antipáticos e inadaptados. Nada mais significam que uma prova de inverdade, porque não passam de um quisto gerado no corpo da nossa sociedade.

É com azedume que se condenam os paladinos destas costumeiras. No entanto, não são eles os únicos culpados de tal estado de coisas, uma vez que existe um clima, também artificialmente criado, que permite dar-se audiência a certas leviandades. Recordamos, por exemplo, o uso do cigarro pelas mulheres e a intimidade que se está estabelecendo com ambientes de violência, através de filmes, falhos de toda a categoria, que quotidianamente aparecem nos nossos *écrans* de televisão. O gatilho do revólver passou a ser um objecto tão familiar como um lápis ou uma colher.

O que acabamos de dizer são exemplos frisantes da intimidade sugerida por imagens com que continuamente topamos. Por mais irreais ou estranhas que elas sejam, a insistência da sua visão transforma-as num elemento que pode influir decisivamente nos nossos pensamentos, reflexos e acções.

Os cabelos compridos dos rapazes de hoje, ou as mini-saias das meninas estouvadas, são assuntos que, não tendo encontrado decerto aqui o campo mais favorável para a sua proliferação, contaram, mesmo assim, com a cumplicidade do alheamento de todos. Desta maneira se foram introduzindo sub-reptícia-

Continua na pág. 7

«Sempre Pronto»
COBRANÇA

A partir de Outubro próximo, vamos dar início à cobrança das assinaturas de «Sempre Pronto», que tem estado suspensa, aguardando a passagem do período de férias, em que muitos dos nossos leitores se encontravam ausentes. Este atraso é preferível a enviar os recibos à cobrança e nos serem devolvidos por se encontrarem ausentes os destinatários. Esperamos agora que os nossos estimados assinantes dispensem o melhor acolhimento à cobrança que vai ser feita.

A cobrança pelo correio é presentemente tão dispendiosa que qualquer devolução nos ocasiona prejuízo. Felizmente que as devoluções são tão raras, que ouvimos certa vez um funcionário dos correios declarar serem os recibos que passavam pela sua mão mais bem acolhidos pelos destinatários. Tal declaração, se nos enche de alegria, é também muito honrosa para os nossos dedicados assinantes.

Só esperamos que este espírito se mantenha para que as dificuldades presentes possam ser superadas e «Sempre Pronto» prossiga na sua regular publicação.



Foto «W. Karl»

No Parque de Escotismo da Caparica, um escoteiro de Benguela presta compromisso de honra

Posto de Observação

Dureza de ouvido

A marcha do X Acampamento Nacional foi mais uma vez produto do labor do meu amigo e antigo Chefe Manuel Tacão Monteiro, que ao Escotismo tem oferecido grande quinhão da sua veia poética e musical.

Saúdo por isso, com respeito e admiração, o infatigável compositor, pedindo-lhe, porém, licença para classificar esta marcha do X Nacional como uma das mais fracas produções que nos ofereceu, já porque lhe falta algo da chama que sempre rompe viva das suas canções, já porque determinados passos da música me lembram certa canção brasileira gravada em discos há já alguns anos.

Sem querer diminuir os méritos do esforçado poeta-compositor, parece-me, todavia, que o Júri de classificação da Marcha do Acampamento, cuja constituição e mérito desconheço, não foi feliz desta vez, pois dispunha, para escolha, doutras canções e músicas, às quais parece não ter dedicado a conveniente atenção.

Também com música de Manuel Tacão Monteiro, apresentou-se a concurso outra marcha, cuja letra me foi atribuída erradamente numa circular da Chefia-Geral, mas que pertence, na realidade, ao chefe do Grupo n.º 94, Armando Inácio, cujas qualidades neste género são bem mais conhecidas que as minhas.

A quem teve o privilégio de ouvir esta marcha, não há dúvida que ela agradou, sendo unânimes todas as opiniões por mim colhidas de que ela deveria ter sido a preferida, tanto pela sua maior beleza, como pela facilidade de assimilação que oferecia, facto a considerar numa canção para ser aprendida por rapazes, de um dia para o outro.

Porém o Júri não entendeu assim, embora segundo constou, tenha quase estado inclinado para uma canção bem mais fraca, talvez só para substituir o vencedor crónico.

Revelando alguma dureza de ouvido e pouca sensibilidade, o Júri optou, mas atreveu-se a fazer cortes, estropiando uma canção que, ficando sem início nem sequência, nos dá a ideia de um livro a que faltam algumas páginas, mas se pretende vender como obra completa.

MARIANO GARCIA

MONITORES DE PRIMEIRO-SOCORRISTAS

No prosseguimento da sua acção constante na luta contra o acidente e suas consequências, o Conselho Directivo do Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais decidiu que se organizassem cursos para formação de monitores de primeiro-socorristas.

Estes, que já deverão possuir o diploma de primeiro-socorrista, terão como função orientar, dentro da empresa, os alunos inscritos nos cursos a realizar pelo Centro, os quais, como até aqui, receberão as lições por correspondência e prestarão as suas provas práticas finais durante três dias, em regime de internato.

Estes cursos revestem-se do maior interesse para os Escoteiros, que podem assim exercer com mais eficiência a sua missão de *auxiliar o próximo em todas as circunstâncias*. Não podemos, por isso, senão recomendar a inscrição de todos aqueles que o puderem fazer.

Escotismo em Lourenço Marques

Escoteiros sul-africanos entregaram uma mensagem ao presidente do Município de Lourenço Marques

Durante o mês de Julho último, um numeroso contingente de escoteiros sul-africanos da «Springbok Cadet School» estiveram acampados perto de Lourenço Marques, fizeram entrega de uma mensagem ao sr. presidente da Câmara Municipal daquela cidade, após um desfile através das mais importantes artérias laurentinas.

A cerimónia realizou-se em frente dos Paços do Conselho, tendo o sr. presidente da Câmara agradecido a homenagem que lhe fora prestada.

O «SEMPRE PRONTO» NA CIDADE DA BEIRA

Jorge Aníbal Franco Horta

No «*Príncipe Perfeito*» partiu em 14 do corrente para a Beira, onde vai fixar residência, o nosso amigo sr. Jorge Aníbal Franco Horta, escoteiro do Grupo n.º 84 do Entroncamento e filho do respectivo chefe, sr. Aníbal Rodrigues Horta, que vai cooperar no Grupo de Escoteiros de Portugal no Dondo e amàvelmente aceitou a sua designação para correspondente do «Sempre Pronto», tendo-nos prometido a sua colaboração para que os nossos leitores sejam regularmente informados das actividades daquela unidade.

O nosso antigo delegado, sr. Alfredo Bandeira Rodrigues, por ter mudado de ocupação e de residência, não tem podido dar-nos a sua colaboração, pelo que o nosso novo correspondente nos irá prestar um serviço útil. Desejamos-lhe muitas felicidades e inteiro êxito na vida profissional que vai agora encetar como funcionário da Lusalite de Moçambique.



GERARDO DE SOUSA

Em 12 do corrente, na sua casa na Rinchoa, faleceu o antigo dirigente escoteiro sr. Gerardo de Sousa, dedicado assinante patrocinador de «Sempre Pronto». O extinto foi escoteiro-chefe do Grupo n.º 30, e mais tarde do Grupo n.º 93, de Sintra, tendo prestado bons serviços ao Movimento. Aposentado da Misericórdia de Lisboa, prestou também serviço na Associação Humanitária da Cruz de Malta, a que o Grupo n.º 5 esteve anexo.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o talhão dos Combatentes do Alto de S. João, tendo-se incorporado muitos amigos do falecido, uma deputação de bombeiros daquela corporação e outra dos Escoteiros de Portugal constituída por rapazes do Grupo n.º 19 da Pontinha.

A Fraternal dos Antigos Escoteiros, «Sempre Pronto» e o seu Director fizeram-se representar pelo nosso companheiro de Redacção Ernesto Clímaco do Nascimento, o Grupo 93 pelo chefe Pereira Soares.

Endereçamos à família enlutada as nossas sentidas condolências.

Concurso «Patrulhas Piloto 66»

Integrado nas actividades do X Acampamento Nacional, decorreu a 3.ª e última fase do concurso «Patrulhas Piloto 66».

Pelo que pudemos apurar junto dos respectivos guias, foi a fase mais interessante e movimentada do concurso que, na opinião unânime, constituiu excelente actividade à qual algumas patrulhas ficaram a dever a boa preparação com que se apresentaram no Nacional.

Por sua vez, também o Acampamento ficou a dever ao Concurso muito do interesse que os escoteiros puseram em toda a actividade e o entusiasmo com que disputaram as diversas provas.

Numa escala de exigências bastante elevada, conseguiu-se uma classificação média deveras apreciável, o que vem provar à evidência que as patrulhas sabem preparar-se e trabalhar com afinco quando se lhes apresenta actividades com interesse.

A vitória final dos «Cucos» do Grupo 15 foi absolutamente justa e a ninguém deixou dúvidas. A patrulha «Cuco» foi realmente aquela que patenteou melhor preparação e a que se aplicou com maior entusiasmo.

Também é digno de realce a sua disciplina colectiva, se bem que nesse sector os aplausos tenham de ser distribuídos pela quase totalidade dos escoteiros em competição.

O segundo lugar foi também para o Norte, para a patrulha «Lobo» do Grupo 44, mas esta teve que disputá-lo renhidamente aos «Lobos» algarvios do Grupo n.º 60, que lutaram com muito entusiasmo e brio, descendo ao terceiro lugar por escassa diferença de pontos.

O 4.º e 5.º lugares pertenceram respectivamente às patrulhas «Raposa» do Grupo 93 e «Falcão» do Grupo 8, que lutaram igualmente com grande entusiasmo. Noutro lugar, publicamos a classificação final deste concurso.

Uma ideia digna de aplausos

O incêndio na Mata da Fonteireira

O «Diário de Lisboa» insere uma sugestão do nosso amigo sr. Luís Artur Esteves Pereira.

Lembra este antigo escoteiro, a propósito do incêndio que devastou grande parte da Mata da Fonteireira, que, como preito de gratidão ao seu proprietário, o sr. Dr. Pinto Basto, que naquele local tinha assinalado uma área com uma tabuleta onde se lia: RESERVADO PARA OS ESCOTEIROS, estes promovessem ali uma actividade, onde comparecesse o maior número de rapazes, durante a qual os escoteiros plantariam árvores para substituir as que o fogo destruiu.

Interessantíssima esta sugestão que, com todo o agrado secundamos. Tal como o «Diário de Lisboa», apelamos para os Serviços Florestais a fim de que sejam oferecidas as necessárias condições para concretizar esta ideia, fornecendo as necessárias plantas, embora a título excepcional, como um caso desta natureza reclama.

Esta actividade, além do cunho verdadeiramente escotista que possui, seria uma óptima oportunidade, não para pagar a hospitalidade do sr. Dr. Pinto Basto, o que não é possível, mas para testemunhar a gratidão por quem, de forma tão cativante, tem demonstrado simpatia pelo Movimento Escotista.

FOGO NAS MATAS

Um problema sério

Quando em Junho passado, aqui nestas colunas, alertávamos os nossos leitores para o perigo dos fogos nas matas, tantas vezes causados por imprevidências que apontámos, estávamos bem longe de supor que os factos iriam, bem cedo, provar de maneira tão trágica a pertinência das nossas palavras.

Bastaram alguns dias de calor mais intenso para que os incêndios irrompessem com desmedida fúria por algumas das nossas mais belas matas. A Quinta da Comenda, em Setúbal; a Quinta da Fonteireira, em Belas; a formosa Serra de Sintra e outros pinhais foram pasto das chamas, consumindo-se árvores preciosas que, só depois de muitos anos e à força de trabalho árduo, se poderão voltar a possuir.

Em Sintra, a tragédia foi ainda mais grave. Duas dezenas e meia de jovens soldados, que generosamente lutavam para dominar o fogo, deixaram-se envolver pelo braseiro e pereceram horrorosamente carbonizados. Curvamo-nos respeitosamente perante tão grande perda, que dolorosamente veio chamar a atenção dos imprevidentes, e talvez dos criminosos (!), para o facto de que, ateado um fogo, nunca se poderá prever ou imaginar as consequências mais ou menos graves que dele podem advir. Desta vez, além da perda preciosa das vidas, a própria vila de Sintra correu perigo e, se não fosse a coragem abnegada dos bombeiros, coadjuvados pelos soldados, maiores teriam sido ainda os prejuízos verificados.

A frequência com que estes desastres se têm repetido nos últimos anos, leva-nos a supor que falta fazer alguma coisa para preservar a riqueza florestal do país. Não podemos apontar as medidas que devam ser tomadas porque nos faltam informações sobre o assunto. Estarão a ser descuradas as limpezas das nossas matas? Não existirão arruamentos ou clareiras que isolem zonas arborizadas? Será insuficiente a vigilância? Realizar-se-ão, porventura, exercícios balísticos em zonas onde deveriam ser interditos? Não sabemos. Mas não há dúvida que se reconhecem necessárias providências para evitar e proteger os nossos bosques da iminência do fogo.

É urgente uma campanha de educação

Uma coisa, porém, consideramos muito urgente: A educação da gente nova no respeito pela árvore. O Escotismo tem cultivado esse amor pela natureza. Todo o Escoteiro sabe — ou deve saber — que na árvore se não toca com faca, prego, machado ou qualquer outro objecto que a possa ferir. Só os ramos secos se lhe cortam para uso na fogueira, porque isso traz benefício para a planta. Se muito excepcionalmente e por motivo imperioso, o Escoteiro devidamente autorizado tem de abater uma árvore, não o faz sem prèviamente lhe prestar a saudação do lenhador, machado erguido em continência, gesto que significa respeito pela utilidade da árvore e homenagem ao Criador e ao Homem que colaborou na criação.

Todos os utentes dos nossos pinhais e bosques se deviam deixar imbuir deste mesmo espírito. Só assim seria possível criar o interesse pela árvore e todos sentiriam responsabilidade na conservação e segurança dos nossos bosques, evitando tudo aquilo que possa produzir fogo.

Dizíamos em Junho passado, que os Escoteiros deviam ser prestantes auxiliares da vigilância das matas, apagando fósforos e pontas de cigarro, enterrando vidros, extinguindo princípios de fogos. Sabemos que os Escoteiros fazem isto, mas é necessário que essa tarefa constitua preocupação constante de todos aqueles que usufruem ou transitam pelas nossas matas e pinhais. Isto só se poderá conseguir através de uma intensa campanha educativa em que a Escola, as Igrejas, a Imprensa, a Rádio e a Televisão teriam de cooperar. Surja voz mais poderosa do que a nossa para mobilizar todas estas boas vontades.



Espírito de iniciativa

Ter iniciativa, capacidade de empreendimento, de realização, espírito de perseverança, se são qualidades essenciais para que um jovem triunfe na profissão e na Sociedade, são especialmente virtudes que fazem as nações prósperas. Ditosa a Pátria que se possa orgulhar de possuir filhos com tais predicados, porquanto conseguirá fàcilmente vencer as suas dificuldades, prosperar, desenvolver as Ciências, as Letras, as Artes.

. . . . . .

Não admira, pois, que o Fundador, Baden-Powell, na sua genial visão, tivesse fundamentado o Escotismo em tão importante princípio e o tivesse estabelecido como característica predominante do Movimento.

É pois mister que aproveitemos as excelentes oportunidades que o Método nos proporciona para o desenvolvimento do espírito de iniciativa. A patrulha é a forja donde sairão caracteres activos e arrojados, personalidades fortes. Deixemos que o rapaz opere livremente, deixemo-lo treinar as suas faculdades, permitamos que ponha em prática as suas próprias iniciativas. Deixemos sentir a satisfação de ver perfilhadas as suas opiniões. Sempre que seja possível prefiramos as suas iniciativas às nossas, sacrificando talvez parte do êxito material, mas

Continua na pág. 6

A propósito do Acampamento Nacional

A Lenda da Caparica

Os Escoteiros, que de terras distantes têm acorrido aos acampamentos nacionais realizados no Parque de Escotismo da Caparica, talvez tenham interesse em conhecer uma lenda que se relaciona com aquela vila de pescadores. Para que possam contar a suas famílias no regresso do acampamento, aqui a transcrevemos, com a devida vénia, do boletim do Acampamento de Outono de 1964 do Clube de Campismo de Lisboa, nossos vizinhos na Mata da Caparica.

No àreal imenso que se estende até ao Cabo Espichel, vivia em tempos já remotos uma velhota, por certo filha, mulher e mãe de pescadores.

Habitava uma choupana feita de colmo, a mais humilde de quantas existiam no areal. Vivia só e o seu corpo já cansado negava-lhe forças para a dura faina da praia. Mendigava. E, nesse propósito, todos os dias ainda o sol não despontava das bandas do Almaraz, embuçada em velha capa de retalhos, a anciã ia de abalada até à vila de Almada. Postava-se à entrada da igreja, esmolando entre os fiéis o seu parco viver.

Um dia, apareceu no Paço Real, em Lisboa, um pescador transportando um volume, o qual, interrogado pelo guarda, disse precisar de falar ao Rei. Conduzido à presença de Sua Majestade, não sem estranheza e desconfiança de toda a Corte, o pescador disse que fora incumbido de entregar ao rei uma capa feita de retalhos que pertencera a uma velha que se havia finado na Outra Banda e formulara o desejo de que a sua velha capa fosse entregue ao rei, com a condição de que o valor da mesma fosse empregado na construção de uma igreja que ficasse mais perto do areal. Toda a corte riu. Vender uma velha capa de retalhos e com o produto construir uma igreja?

O soberano pediu então ao pescador que lhe entregasse a capa, mas, pegando nela, achou-a estranhamente pesada, ao mesmo tempo que de um dos retalhos ruídos caiu uma moeda de ouro, outra e outra, e muitas mais.

Conta a lenda que, cada retalho, escondia moedas de ouro que, depois de todas reunidas, perfaziam uma fortuna, com a qual foi satisfeito o desejo da velha do areal. Então o povo começou a chamar ao areal as Bandas da Capa Rica. Com o decorrer dos anos Capa Rica passou a denominar-se Caparica e, agora, Costa da Caparica, esta bela costa de Portugal onde estamos a fazer este nosso acampamento.

X ACAMPAMENTO

SIMPLICIDADE

O que foi a grande reunião

«Tudo acaba bem quando decorre bem. É com satisfação que considero encerrado o X Acampamento Nacional, consciente do seu êxito e da utilidade que teve para a preparação dos escoteiros que aqui se deslocaram».

Com estas palavras do Secretário das Relações Internacionais, sr. Manuel Lopes Peixoto, em representação do Presidente da A. E. P., terminou o X Acampamento Nacional dos Escoteiros de Portugal.

Satisfação. É esta a palavra que define o sentimento dominante no final do Acampamento, que decorreu de 3 a 11 de Setembro, no Parque da A. E. P., na Caparica.

Concebido e preparado a pensar exclusivamente nos escoteiros, a quem foi oferecido um programa intenso e variado de actividades, a este acampamento faltou, porém, um número maior de presenças para lhe proporcionar o brilho e grandeza habituais dos acontecimentos deste género quando se realizam noutros países.

Foi realmente um dos acampamentos nacionais menos numerosos quanto ao efectivo presente, mas em nada o diminui em qualidade e foram consoladores, para quantos esforçadamente fizeram parte da sua organização, os aplausos recebidos dos antigos escoteiros presentes, que se traduziam em afirmações como esta: *«Desde o Estoril que não via um acampamento realmente para escoteiros. Estes tiveram as actividades que mais desejam e regressam felizes. Recordarão o 10.º por muitos anos».*

Houve êxito no X Acampamento Nacional. Um Velho Lobo reconheceu-o nas palavras que atrás reproduzimos.

Como decorreu o acampamento

Quem entrava no Parque de Escotismo da Costa da Caparica, se lá havia estado alguns meses antes, notava desde logo uma considerável diferença em relação aos acentuados melhoramentos que ali se havia realizado, à custa do dedicado esforço de uma reduzida equipa de trabalho, à qual deram valioso contributo alguns elementos da Secção de Campismo da FRATERNAL.

A abertura de uma nova via de acesso directo à sala principal do Campo (Museu) e às entradas dos diferentes subcampos, permitindo resguardar a clareira principal, até agora única forma de acesso a qualquer ponto do campo, e ainda o aproveitamento de um velho barracão para os serviços de secretaria, eram as notas mais visíveis de um difícil e longo esforço que incluiu o reabrir de todos os caminhos já cerrados pela densa vegetação, o abate e remoção de árvores e a limpeza de extensas áreas que permitissem uma conveniente utilização do terreno.

No início da nova estrada foi colocado o pórtico principal. Modesto mas sugestivo, representava a ponte sobre o Tejo, trabalho de pioneirismo a que uma cuidada iluminação veio dar acentuado realce.

Já dentro do acampamento podiam-se apreciar mais cinco pórticos, todos ligeiros e despretensiosos, mas bem executados. Estes davam acesso aos subcampos «Flor de Lis», «S. Jorge» e «Sempre Pronto», onde se encontravam instalados escoteiros, «Servir», onde acamparam os dirigentes e caminheiros, e «O Melhor Possível», que foi reservado aos Lobitos e seus Aquelás. Cada subcampo dispunha de um local, provido de água, onde se juntaram todas as cozinhas, num sinal de perfeita disciplina campista.

Havia um programa, cuidadosamente preparado e maduramente estudado. Era necessário que tal programa se cumprisse para que os escoteiros algo pudessem aproveitar deste acampamento.

E o programa cumpriu-se!

Numa revisão pelas principais fases do Acampamento daremos uma rápida mas concisa ideia da actividade oferecida às patrulhas presentes.

Inauguração

Ocupando os lugares que lhes eram indicados pelos serviços de instalação, locais esses que haviam sido prèviamente preparados pela equipa de trabalho, os grupos preocuparam-se com a instalação do material e embelezamento do seu acampamento até às 16 horas de domingo, dia 4, por ser este o limite do prazo que lhes havia sido concedido.

Assim, foi possível proceder-se à inauguração do Acampamento já com os campos devidamente instalados, ocupando-se os escoteiros, a partir daí, ùnicamente das actividades que lhes eram destinadas.

N A C I O N A L

TRABALHO = ÊXITO

O acto inaugural foi simples como todo o Acampamento. Algumas palavras oportunas, içar solene das bandeiras dos grupos e votos formulados de que tudo corresse pelo melhor. Ao acto, estiveram presentes o Tesoureiro e Secretário Geral da A. E. P., respectivamente senhores Comandante Diogo Afonso e Albano da Silva.

Movimento

Para os escoteiros foi organizado, como já se disse, um programa de actividades permitindo corresponder ao seu desejo de acção.

O sumário destas actividades era o seguinte:

N.º 1 — Jogos movimentados — 2 horas.
N.º 2 — Primeiros socorros — 2 horas.
N.º 3 — Sinalização e pistas — 2 horas.
N.º 4 — Topografia e orientação — 2 horas.
N.º 5 — Jogo nocturno — 2,5 horas.
N.º 6 — Provas desportivas — 2 horas.
N.º 7 — Excursão de exploração — 8,5 horas.
N.º 8 — Miscelânea de provas — 1,5 horas.
N.º 9 — Nós e varas — 2 horas.
N.º 10 — Pioneirismo — 2 horas.



Foto «W. Karl»

Um aspecto da clareira do Parque de Escotismo da Caparica, quando se realizava ali uma cerimónia escotista, durante o X Acampamento Nacional

À excepção do Jogo nocturno, que não pôde realizar-se, por o respectivo tempo ter sido ocupado por uma sessão de cinema que não foi possível efectuar no dia marcado, devido a uma falha a que foi alheia a organização do Acampamento, todas as restantes actividades resultaram em bom nível, a que não foi alheio a orientação e, principalmente, o entusiasmo demonstrado pelos escoteiros.

De entre as diversas actividades acima enunciadas, destacamos a excursão de exploração, realizada com base num interessante «grande jogo», cuidadosamente preparado, que ocupou entusiàsticamente os escoteiros por todo um dia, durante o qual percorreram cerca de 18 quilómetros, seguindo pistas através do mapa da região, que lhes havia sido fornecido.

Alegria

A par das actividades atrás referidas, do programa do Acampamento constaram ainda:

1 sessão de cinema e 3 Fogos de Conselho, que decorreram muito animados, principalmente o Grande Fogo de Conselho, de sábado dia 10, onde houve muita alegria e alguns números de bom efeito.

A este acto, esteve presente bastante público que apreciou as boas exibições dos escoteiros e o ineditismo do início da reunião.

Alarme

Ao tomarem conhecimento do dramático incêndio que devorou a Serra de Sintra, todos os chefes e caminheiros em campo, impressionados com o terrível acontecimento, ofereceram voluntàriamente os seus serviços, mantendo-se de prevenção durante toda a noite a aguardar a convocação das autoridades respectivas, que devem ter considerado desnecessária a presença daqueles 32 voluntários.

Diálogo

Paralelamente ao desenrolar das actividades dos escoteiros, e sem interferir no bom andamento destas, realizaram-se algumas reuniões de chefes, estando uma delas prevista como Conselho Nacional de Chefes. Todavia, o número de presentes não permitiu considerá-la como tal, passando-a para simples reunião de troca de impressões com mero carácter consultivo e informativo.

Se se gorou o interesse de um Conselho Nacional de Chefes, nem por isso a reunião deixou de ter utilidade, embora por vezes tenha decorrido um pouco agitada, mas sempre dentro dos princípios de lealdade e correcção.

Apesar disso, e não obstante se terem feito algumas sugestões úteis para a vida da nossa Associação, as controvérsias estabelecidas entre os chefes prejudicaram um pouco o ambiente feliz proporcionado pela actividade dos escoteiros, o que nos levou a desaprovar a realização de reuniões deste jaez integradas em actividades destinadas aos rapazes.

Generalidades

Embora o número de participantes no Nacional fosse inferior ao dos anteriores, conforme já se disse, estiveram na Caparica representantes de diversos pontos de Portugal continental, insular e ultramarino.

A representação do Norte (núcleos do Porto e Gaia) foi a mais numerosa e a que evidenciou melhor preparação escotista, no seu conjunto.

A representação das Ilhas esteve entregue a dois escoteiros do Grupo n.º 52, baluarte do escotismo nacional nos Açores; e a representação do Ultramar pertenceu a dois escoteiros de um grupo em formação em Benguela, graças ao entusiasmo do nosso bom amigo e colaborador António da Silva e Cunha, antigo dirigente do Grupo n.º 93, de Sintra.

Dentro das actividades projectadas, constava ainda uma excursão turística por Lisboa e Ponte Salazar, a qual não foi possível realizar, em virtude de terem faltado as camionetas previstas, ocupadas em serviços relacionados com o incêndio de Sintra.

Na falta desta excursão, foi proporcionada uma tarde livre que os escoteiros e dirigentes aproveitaram para passear livremente por Lisboa. Aos lobitos foi oferecida, por três dirigentes em campo, uma visita ao Jardim Zoológico, ponto de atracção da garotada.

Encerramento

O fim, indesejável e demasiado rápido, aproximou-se e nada mais restava do que trocar os últimos abraços, de mistura com algumas recordações, vitoriar alegremente os vencedores e acenar com simpatia aos vencidos.

Em cerimónia a que assistiram todos os escoteiros em campo e algumas visitas, foram proclamados os vencedores do concurso inter-

Continua na pág. 7



O Escotismo através do Mundo

CANADÁ

Jamboris Provinciais em 1967

O Escotismo canadiano está interessado em receber pequenos contingentes de escoteiros estrangeiros, que se desloquem ao XII Jambori Mundial, e que desejem tomar parte em qualquer dos Jamboris Provinciais que se realizam de 15 a 22 de Julho do próximo ano na Nova Escócia, em Saskatchewan e em Alberta, no Canadá.

Foram fornecidas informações sobre despesas e outras particularidades a todas as associações escotistas, junto das quais os interessados as podem obter.

O aboletamento em casas particulares é oferecido aos escoteiros que tomem parte no Jambori Mundial, na semana que antecederá a sua inauguração. Para qualquer esclarecimento, devem os interessados dirigir-se a Donald M. Ducan, P. O. Box 2003, Halifax, Nova Escócia; Thomas P. Stark, B. 2-2060 Broad St., Regina, Saskatchewan; e Harry B. Holloway, 10215-97th. Avenue, Edmonton, Alberta.

ITÁLIA

Festival mundial do filme escoteiro

Em 1968, em Fevereiro, será realizado em Ponte della Paglia, em Veneza, Itália, o Festival Mundial do Filme Escoteiro.

Este festival será dividido em duas secções: a Profissional e a Amadora. Haverá uma selecção dos filmes que concorrerem e em cada uma das secções realizar-se-á uma cerimónia para atribuição do «Grande Prémio Gôndola de Ferro de 1968» ao vencedor de cada uma das secções.

INGLATERRA

O Gilwell Park recebeu uma oferta dos Escoteiros da América

A Região de Filadélfia dos Escoteiros da América entregou recentemente à Associação dos Escoteiros da Grã-Bretanha uma estátua de 6 pés de altura, sua oferta para o Gilwell Park, o conhecido campo-escola de Escotismo.

A estátua representa um Escoteiro e é uma cópia exacta da que foi desenhada pelo falecido Dr. Roberto Mackenzie e se encontra na entrada da sede daquela Região do Escotismo Americano.

A estátua foi oficialmente entregue à Associação britânica numa cerimónia realizada no Gilwell Park.

E. U. A.

Postais ilustrados escotistas

Os Escoteiros da América publicaram uma bonita série de postais coloridos, representando escoteiros de 68 países diferentes, nos seus uniformes nacionais. Estas interessantes gravuras podem servir para decorar sedes escoteiras, visto darem uma imagem da amplitude do movimento escotista no mundo. O preço da série é de $2,25 dólares, portanto cerca de 65$00.

Assinantes Patrocinadores

A quota anual de 50$00, que substitui a assinatura anual de «Sempre Pronto» e confere a categoria de Patrocinador do nosso jornal, talvez não tenha permitido que um número maior dos nossos amigos tenha confirmado a sua adesão, mas no entanto tem tornado mais expressivas as inscrições que temos recebido.

Este mês, tivemos o prazer de receber de Luanda uma carta do nosso amigo sr. António de Jesus Brito, que pertenceu ao Grupo 6, de Olhão, o qual nos remete 50$00 e afirma que reconhece a necessidade de que o Escotismo possa dispor de um jornal puramente escotista.

O nosso amigo sr. Daniel Correia, que se encontra em Londres, também dali nos enviou a importância de sua assinatura, demontrando o seu interesse pelo jornal.

O nosso assinante sr. Joaquim Piscarreta, de Lagos, envia-nos palavras de muito interesse pelo jornal e junta 100$00 para dois anos de assinatura.

A todos estes bons amigos apresentamos os nossos agradecimentos.

DOS AMIGOS DO «SEMPRE PRONTO»

Nascimento — Endereçamos sinceros parabéns ao nosso amigo e colaborador sr. Armando Garcia Inácio e a sua esposa sr.ª D. Maria Carolina Napoleão Inácio, pelo feliz nascimento de sua primeira filha, com os votos das maiores felicidades.

Doente — Ao contrário do que dissemos no último número, ainda se encontra hospitalizada a esposa do nosso amigo e antigo chefe escoteiro sr. Álvaro Rodrigues, que em virtude de uma queda na sua residência ficou bastante traumatizada. Formulamos votos por um breve restabelecimento.

H. T. Comes de Freitas

Esteve internado no Sanatório D. Carlos, no Lumiar, o nosso amigo e dedicado assinante sr. H. T. Gomes de Freitas, antigo dirigente escoteiro no Funchal e um dos elementos interessados no ressurgimento dos Escoteiros de Portugal na Madeira. O sr. Freitas foi ali submetido a uma operação cirúrgica, tendo regressado à Madeira pelo «Carvalho Araújo».

Formulamos votos pelo seu completo restabelecimento.

SECRETARIA INTERNACIONAL

O Conselho Mundial do Escotismo com Deficientes físicos publicou recentemente um opúsculo, de 16 páginas, intitulado *These Our Brothers*, que constitui um útil guia para aquele ramo do Escotismo, pois se destina a auxiliar os dirigentes no seu trabalho com os rapazes deficientes.

O livro foi elaborado com base nas experiências de *Miss* Vivian Beavis, da Nova Zelândia, que escrevera diversas notas sobre o assunto.

A Repartição Mundial do Escotismo fornece este livrinho a $0,15 por exemplar, ou $1 (1 dólar) por 10 exemplares.

Os Escoteiros de Portugal em Angola

Um novo Grupo em Benguela

Nesta florescente cidade de Benguela, encontra-se em formação uma unidade dos Escoteiros de Portugal graças aos esforços do nosso dedicado amigo sr. António da Silva e Cunha, estando indigitado para chefiar seu filho, o nosso amigo sr. José António Ribeiro da Cunha.

Este Grupo esteve representado no X Acampamento Nacional pelo seu futuro chefe e um aspirante, que veio aqui prestar o compromisso de honra. Esta Delegação foi portadora de lembranças para o Acampamento Nacional, que vão figurar no Museu de Campo, e teve a gentileza de entregar a «Sempre Pronto», durante o acto inaugural do acampamento, um interessante trabalho de artesanato indígena, uma cabeça trabalhada em madeira.

Agradecemos e saudamos dirigentes e aspirantes do Grupo de Benguela, desejando-lhe muitos êxitos.

Grupo n.º 36 — Luanda

Não temos recebido notícias do nosso Correspondente junto deste Grupo, tendo constado em Lisboa que esta unidade se encontrava encerrada. Duvidamos da autenticidade da notícia, porquanto o Grupo conseguiu vencer actos de ostracismo e dispunha agora de uma boa sede, novos dirigentes e melhores condições para trabalhar. Acreditamos que o Grupo estivesse carecido de uma melhor orientação, assistência mais assídua, o que exigiria trabalho e interesse de quem o pudesse fazer. Encerrá-lo pura e simplesmente seria, naturalmente, mais fácil e mais simples, mas não serviria a causa do Escotismo. Achamos por isso que tais notícias devem ser acolhidas com reserva e, entretanto, aguardamos que de Luanda nos cheguem informações mais seguras.

Jacinto dos Reis Moniz Silva

Tivemos o prazer de abraçar novamente em Lisboa o Escoteiro-Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, nosso muito dedicado Delegado nos Açores e dirigente do Grupo n.º 52 de Angra do Heroísmo. O nosso colaborador esteve ainda no Acampamento Nacional momentos após o seu encerramento, tendo-se demorado em Lisboa até 19 do corrente, tendo-se avistado com as direcções dos Escoteiros de Portugal e da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Há vinte anos «Sempre Pronto» publicava:

Continuação da pág. 3

aproveitando em resultado educativo o estímulo que tal preferência pode exercer no seu carácter. Numa palavra, exercitemos o escoteiro na acção, pelo hábito de realizar, sempre *assumindo a responsabilidade dos seus actos.*

. . . . . .

A melhor educação é a ministrada pelo exemplo. É pois essencial que todos os os grupos, sejam animados de igual espírito de iniciativa. Só a acção dinâmica satisfaz e entusiasma a juventude. Não há veneno mais pernicioso para a educação que a indolência, a rotina, a negligência, a ociosidade.

O X Acampamento Nacional

Continuação da pág. 5

-patrulhas a quem foram entregues os respectivos prémios. Em acto solene, fez o seu compromisso de honra um dos elementos do Grupo de Benguela e o Chefe do Núcleo do Porto, Rev. Vidal dos Santos, foi distinguido com a Medalha de Ouro de Bons Serviços, da A. E. P.

Os rapazes estavam contentes, os dirigentes sentiam-se satisfeitos e o sr. Manuel Peixoto, Secretário das Relações Internacionais em representação do sr. Presidente da A. E. P., deu por terminado o X Acampamento Nacional.

Classificação final do concurso inter-patrulhas do X Acampamento Nacional

PATRULHAS PILOTO

1.ª Pat. CUCO do Gr. 15 — 1175,6 pontos.
2.ª Pat. LOBO do Gr. 44 — 1150,8 pontos.
3.ª Pat. LOBO do Gr. 60 — 1149,7 pontos.
4.ª Pat. RAPOSA do Gr. 93 — 1130,4 pontos.
5.ª Pat. FALCÃO do Gr. 8 — 945 pontos.
6.ª Pat. LOBO do Gr. 2 — 580,6 pontos (a).

a) Interrompeu as provas por ter saído do campo.

PATRULHAS GERAIS

1.ª Pat. GALO do Gr. 77/6 — 1042 pontos.
2.ª Pat. ANDORINHA do Gr. 9 — 998 pontos.
3.ª Pat. FALCÃO dos Grs. 2/14/ /15 — 960 pontos.
4.ª Pat. TIGRE do Gr. 8 — 899 pontos.
5.ª Pat. PICA-PAU do Gr. 93 — 702 pontos.
6.ª Pat. ANDORINHA dos Grs. 52/5/17 — 350 pontos (a).
7.ª Pat. BÚFALO do Gr. 7 — 186 pontos (b).

a) Desfez-se a patrulha em virtude da independência da pat. Búfalo do Gr. 5.
b) Só começou a concorrer nos últimos dias da actividade.

Resumo das actividades gerais realizadas no X Acampamento Nacional

Reuniões de Chefes	4
Reuniões de Guias	6
Actividades de conjunto de escoteiros	8
Fogos de Conselho	3
Grandes Jogos Diurnos	1
Grandes Jogos Nocturnos	—
Sessões de Cinema	1
Excursões	—
Total	23

MARIANO GARCIA

Problemas dos tempos correntes

Continuação da pág. 1

mente nos hábitos de certa categoria de pessoas, as quais se aproveitaram da circunstância para os impor como normais da sua condição. Estava lançada a cizânia para colocar sob essa bizarra influência os espíritos das camadas mais jovens, especialmente permeáveis a semelhantes exotismos.

Uma das preocupações dos educadores deve ser a de imprimir aos discípulos o respeito da própria personalidade. E esta propensão para assumir exteriormente um aspecto que não corresponde à interioridade é um atentado contra o valor que a personalidade contém.

Que importa fazer, então, perante fenómeno de tal natureza? Dotar a juventude dos atributos que a ponham a cobro de pactuar com solicitações que não possuam suficientes credenciais. A acção das organizações e dos organismos educativos não deve ser exercida à margem destes problemas. Urge fazer conhecer aos jovens que a integridade da sua pessoa, quer física, quer moral, é um património inestimável. Oferecer-lhes os meios de preservar e desenvolver essa riqueza, através da aquisição de novos valores, representados por aquelas conquistas que dignificam o Homem e fazem projectar a sua influência ao longo dos séculos, é com certeza um aliciante programa educacional, cujo interesse os acontecimentos da hora presente — e as extravagantes costumeiras induzidas por fúteis preocupações de modernismo — não servem senão para dar um realce maior.

A verdade é um dos factores que melhor podem contribuir para o aperfeiçoamento dos indivíduos e da sociedade onde eles actuam. É por conseguinte o serviço dessa mesma verdade que tem de ocupar um lugar cada vez mais proeminente na moderna pedagogia.

JOEL RIBEIRO

Justino Estêvão da Silva

Este nosso estimado amigo, secretário-geral adjunto da A. E. P., teve a amabilidade de dirigir ao director deste jornal um cartão de cumprimentos do seguinte teor:

«Do X Acampamento da A. E. P. envio-lhe um forte abraço, agradecendo-lhe tudo o que vem fazendo para que as dezenas destes rapazes, hoje presentes, aproveitem deste momento tão feliz».

Agradecemos a generosidade deste nosso amigo e fazemos votos de bons êxitos no desempenho do cargo que ocupa.

Visita de cortesia

Durante o Acampamento Nacional, o Parque de Escotismo da Caparica recebeu a simpática visita do dirigente mexicano Dr. Roberto Casas, que faz parte da equipa de adestramento de chefes da I. M. do seu país.

O Dr. Roberto Casas, advogado e financeiro, veio a Lisboa tomar parte numa reunião internacional de financeiros, e não quis deixar de corresponder ao convite que lhe foi dirigido pela Direcção da A. E. P. para fazer uma visita ao Parque de Escotismo e aos escoteiros acampados.

À sua chegada, todos os chefes e escoteiros lhe prestaram significativa homenagem, enquanto num dos mastros subia a bandeira nacional do México.

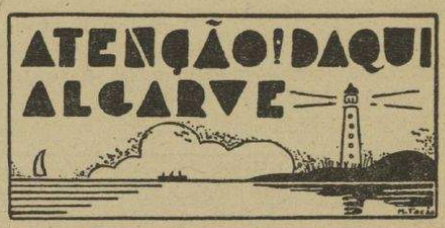
O Dr. Roberto Casas, que se mostrou satisfeito com a actividade dos rapazes, voltou ao acampamento, acompanhado de sua esposa, para assistir ao grande Fogo de Conselho, sobre o qual teve palavras muito gentis.

A Redacção do «Sempre Pronto» ofereceu-lhe um exemplar da sua edição «Mais além».

IMPRENSA ESCOTISTA

«Boletim Africano»

O Comissariado Regional para a Africa (Sul do Sara) iniciou recentemente a publicação do «Boletim Africano», copiografado, que tem por finalidade fornecer notícias sobre o Movimento escotista dos países daquela região. Este Boletim é editado em inglês e em francês.



Festa escotista na ilha de Armona, em Olhão

Decorreu com apreciável frequência de escoteiros o acampamento permanente do Grupo n.º 6, de Olhão, que funcionou nos meses de Julho e Agosto na ilha de Armona, perto daquela vila.

Para encerramento oficial desta actividade, realizou-se na noite do sábado dia 13 de Agosto p. p., um fogo de conselho dedicado aos utentes da Zona, que se divertiram com as interpretações dos rapazes.

No domingo, efectuou-se a cerimónia do compromisso de honra de oito escoteiros e de seis lobitos. Ao acto, presidiu o sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, presidente da direcção do Grupo 6. O compromisso foi recebido pelo E. C. José Manuel Pereira, chefe do Núcleo do Sotavento do Algarve e usou da palavra o E. C. João Trigueiros, delegado regional dos Escoteiros de Portugal, que exortou os jovens ao cumprimento dos deveres de escoteiros e de cidadãos.

A esta reunião festiva assistiram, além do dirigente da M. P. sr. Manuel Terramoto, famílias dos escoteiros e muito público.

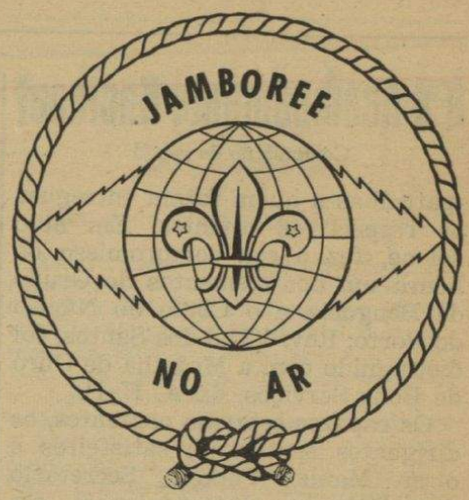
SEMPRE PRONTO

Número 257

Setembro de 1966

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista



EM 22 E 23 DE OUTUBRO

O 9.º JAMBORI DO AR

Mantendo uma iniciativa que se vai já tornando tradição, novamente se realiza este ano o Jambori do Ar, ou seja um encontro de escoteiros de todo o mundo através da Rádio, trocando saudações e cumprimentando-se numa jornada de boa vontade e amizade entre a juventude de todas as latitudes, dando a esta frase não só o seu sentido geográfico, mas também espiritual.

A Associação dos Escoteiros de Portugal confiou a organização do 9.º Jambori do Ar ao seu Secretário-Geral Adjunto, E. C. Justino Estêvão da Silva, que já o ano passado prestara bons serviços nesta actividade.

Graças às diligências feitas pelo Organizador Nacional, podemos já informar que a Direcção dos Serviços Radioeléctricos não põe qualquer objecção a que qualquer radioamador preste a sua colaboração ao 9.º Jambori do Ar, desde que a estação seja operada pelo amador e os assuntos versados não se afastem dos autorizados à estação de amador.

Todos os Grupos de Escoteiros poderão participar nesta tão interessante iniciativa. Até agora os Grupos que o têm feito, apesar das limitações em que a actividade se tem de desenvolver, conseguiram estabelecer contactos interessantes. Ao contrário do que acontece noutros países, não podem ser os Escoteiros a transmitir as saudações de viva voz. Isso tem de ser feito pelo Radioamador, mas podem escutar as mensagens.

Já o ano passado dissemos e voltamos agora a repetir: Os Grupos de Escoteiros não se podem queixar de falta de cooperação nesta iniciativa. Os Radioamadores a quem tem sido solicitada colaboração têm sido de uma cativante amabilidade, prontificando-se a prestar toda a ajuda possível.

O Organizador Nacional publicou já um interessante caderno onde se lê a história dos Jamboris do Ar e se publicam os endereços dos radioamadores do Continente e Ilhas, entidades a quem os Grupos de Escoteiros se podem dirigir. Esta publicação insere também referências da Imprensa ao 8.º Jambori, transcrevendo a notícia que «Sempre Pronto» publicou o ano passado.

Frequências a utilizar

A estação da Repartição Internacional do Escotismo — VE3WSV — em Otava, no Canadá, começará a operar às 00H01 de sábado, dia 22 de Outubro, e fechará às 23H59 de domingo, dia 23. Espera-se que possa operar em três frequências, e, possìvelmente, em quatro, simultâneamente.

Utilizar-se-ão as seguintes frequências, consoante as condições:

Banda dos 10 metros — 28,490 e 28,510 kcs.;
Banda dos 15 metros — 21,195 e 21,350 kcs.;
Banda dos 20 metros — 14,130 e 14,310 kcs. (SSB) 14,020 (CW)
Banda dos 40 metros — 7,190 e 7,290 kcs. (SSB) 7,020 (CW)
Banda dos 80 metros — 3,790 e 3,805 kcs. (SSB) 3,510 (CW)

A operação será normalmente feita em 20, 40 e 80 metros. Sugere-se que as frequências CW sejam usadas por todas as estações CW para estabelecer o contacto inicial.

História do Jambori do Ar

Durante o Jambori do Jubileu, em Sutton Coldfield, Inglaterra, em 1957, alguns radioamadores escoteiros reuniram-se na estação local e organizaram aquilo a que eles chamaram um «Ham-fest».

Foi feita nessa altura uma sugestão, que mereceu a aprovação de todos, no sentido de os escoteiros de todo o mundo tentarem contactar uns com os outros, numa data fixa, anualmente, através de postos de radioamadores. Assim nasceu o JAMBORI DO AR.

Relativamente poucos escoteiros têm possibilidade de tomar parte nos Jamboris Mundiais, que se realizam de quatro em quatro anos. Aqueles que podem assistir a estas importantes manifestações escotistas são na verdade afortunados, porque nada se pode comparar com a experiência de acampar num país estrangeiro e fazer novos amigos entre os milhares de escoteiros que ali vão de todas as partes do mundo. A reunião de Sutton Coldfield teve a noção disso, mas sabia que por meio da rádio era possível aos escoteiros encontrarem-se e falar uns com os outros sem saírem das suas próprias cidades. Como maneira de fazer sentir ao escoteiro médio o verdadeiro significado do escotismo e de toda a fraternidade mundial sem despesas, nada melhor poderia servir. Convém lembrar que a sinalização é parte da tarefa dos escoteiros, e que há a insígnia de radioamador. Os escoteiros podem obter conhecimentos e competência ao mesmo tempo que praticam a Lei «O Escoteiro é amigo de todos e todos os Escoteiros são seus irmãos».

Um interessante aspecto deste acontecimento escotista anual é o facto de vários escoteiros e dirigentes terem obtido as suas licenças de radioamadores, resultado directo de se terem familiarizado com este passatempo nos primeiros Jamboris.

O 1.º Jambori do Ar realizou-se em 1958, no fim de semana de 1 e 11 de Maio, com Leslie R. Mitchell, de Inglaterra, um antigo Chefe-Ajudante dos Escoteiros da América, e ele próprio um radioamador entusiástico, detentor do indicativo G3BHK, como organizador honorário. A Repartição Mundial do Escotismo colaborou com publicidade.

Devido principalmente a não terem sido avisados com antecedência, poucas estações tomaram parte no Jambori do Ar daquele ano e, aquelas que participaram, encontraram más condições atmosféricas, o que não foi muito animador. Todavia, fizeram-se uns tantos contactos e muitos comentários favoráveis de todas as partes do mundo, tanto de escoteiros como de radioamadores, encorajaram os organizadores a estudar desde logo os planos para o ano seguinte. Não era de prever a falta de apoio, para citar uma carta escrita pelo organizador honorário, em Março de 1958 (...«*O próprio Jambori servirá de propaganda no ano em que se realizar*»...). Provou-se realmente que era esse o caso.

A experiência de 1958 mostrou muitos lapsos na organização, não sendo um dos menores o facto de ter sido demasiado trabalho para uma só pessoa.

Nestas condições, em fins de Maio de 1958, a Repartição Mundial do Escotismo foi convidada a assumir oficialmente a organização, o que aceitou da melhor vontade, compreendendo as grandes possibilidades de tal acontecimento. Deste modo o Jambori do Ar passou a ser um acontecimento oficial do calendário escotista anual.

* * *

Os Escoteiros de Portugal na Beira (Moçambique) em 1961, e o jornal «Sempre Pronto» no Continente, em 1962, iniciaram a nossa participação nesta actividade internacional.

Desde 1964 — 7.º Jambori — a Associação dos Escoteiros de Portugal tomou a direcção deste importante evento no nosso País, nomeando um Organizador Nacional para os seus filiados.